

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**NIETZSCHE E O CORPO *RE-INTERPRETADO*: POR UMA FILOSOFIA DE PORTE
ARTÍSTICO – *CRIADOR***

SEROPÉDICA, 2016

PATRÍCIA BOEIRA DE SOUZA

**NIETZSCHE E O CORPO *RE-INTERPRETADO*: POR UMA FILOSOFIA DE PORTE
ARTÍSTICO – *CRIADOR***

Monografia apresentada ao curso de filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia. Professor orientador: Francisco José Dias de Moraes.

SEROPÉDICA, 2016

**NIETZSCHE E O CORPO *RE-INTERPRETADO*: POR UMA FILOSOFIA DE PORTE
ARTÍSTICO – *CRIADOR***

Patrícia Boeira de Souza

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr.º Francisco José Dias de Moraes (orientador)

Prof.º Dr.º Danilo Bilate de Carvalho

Prof.º Dr.º Affonso Henrique Vieira da Costa

Conceito Final: ____

*“Os SENTIMENTOS VASTOS não têm nome.
Perdas, deslumbramentos, catástrofes do
espírito, pesadelos da carne, os sentimentos
vastos não têm boca, fundo de soturnez, mudo
desvario, escuros enigmas habitados de
vida...”*

Hilda Hilst

SUMÁRIO

Introdução	4
I – Porque a questão do corpo?	6
II – Aos desprezadores do corpo, por uma dissolução das dualidades	13
III – O “além” nietzschiano – A arte de ser em travessia, por uma transfiguração do homem	20
IV – Conclusão	24
V – Bibliografia	25

INTRODUÇÃO

A história do pensamento ocidental é marcada por um certo desconforto em relação ao corpo. Esse desconforto apresenta-se no horizonte da cultura. Estigmatizado, o corpo tornou-se empecilho, conseqüentemente e radicalmente foi então o animal-humano estratificado. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche procede de modo a investigar e retomar o curso da história, empreendendo a genealogia dos valores que sustentaram a sociedade ocidental e o conjunto dos saberes criados pelo homem(humanidade). Desse modo, o intuito do presente trabalho é dar lugar à pergunta, assim como Nietzsche a formulou, “se até hoje a filosofia, de modo geral, não teria sido apenas uma interpretação do corpo e uma má compreensão do corpo” (NIETZSCHE, 2012, p. 11).

No horizonte do pensamento de Nietzsche, e insurgindo-se contra o movimento tradicional dualista, o corpo é “grande razão”, não como contraponto para uma simples inversão à hegemonia dada aos pilares da tradição intelectualista, supersticiosa e refratária sobre a vida: alma, pensamento, espírito, razão. Essa superioridade que o próprio homem concedeu a essas categorias, delimitando seus sentidos e suas funções, são investimentos para um saber que exige a ausência ou até mesmo a negação do corpo. Em vez de permitir que as intensidades se realizassem, foi preciso conter, bloquear os fluxos e então os agenciamentos do animal humano necessitaram ser contidos, regulados e submetidos ao poder daquilo que foi erigido. Considerando esses apontamentos, e a importância das considerações do filósofo, intenciona-se percorrer o caminho de uma reinterpretação do corpo.

Nietzsche, ao longo de toda a sua obra, questiona os arranjos do pensamento tradicional e todo seu investimento é uma tentativa de transvaloração de todos os valores. No discurso *Dos desprezadores do Corpo* centraliza-se a crítica nietzschiana à concepção de homem dos metafísicos. Platão e Descartes parecem ser os interlocutores diretos desse discurso, mas toda a intercorrência desses pensamentos negadores do corpo são também alvo de sua crítica. Nietzsche reinterpreta o corpo e afirma ser o corpo expressão do real. Como relegá-lo a uma instância diminuta se não sabemos o que pode um corpo?...E o que seria da filosofia se não fossem possíveis “as grandes questões”, e daí a possibilidade de um pensar que se desgarre das convicções e das degenerescências, e quem sabe então dar-se-á um adeus às velhas verdades. É preciso desgarrar-se dos aprisionamentos da convicção e embrenhar-se em novas perspectivas, a fim de ressignificar o corpo e a vida.

Tendo em vista essas questões, ao longo dos capítulos que se seguem, o corpo será reinterpretado e surgirá como horizonte para a criação, pois:

Criar – eis a grande libertação do sofrer, e o que torna a vida leve. Mas, para que haja o criador, é necessário sofrimento, e muita transformação. Sim, é preciso que haja muitos amargos morreres em vossa vida, ó criadores! Assim sereis defensores e justificadores de toda transitoriedade. (NIETZSCHE, 2011, p. 82).

I. POR QUÊ A QUESTÃO DO CORPO?

A importância de trazer à tona a questão do corpo é, sem dúvida, a de reconhecer as contribuições do pensamento de Nietzsche para a ressignificação do corpo e de sua corporeidade, desmistificando o moralismo e seus juízos que impedem que se retire o corpo do território diminuto a ele conferido historicamente. Nosso ponto de partida é a compreensão de que esse corpo se constitui originalmente como campo de batalha (caos) em que atuam relações de forças ativas e reativas. Com isso, queremos sustentar que a possibilidade de ver com outros olhos o corpo possibilita ao homem recriar-se para além de si. O debruçamento sobre esses apontamentos, ou seja, pensar o corpo como protagonista de si, como “grande razão”, e não como um instrumento de algo hierarquicamente dito superior, é a possibilidade de fazer frente aos ditames da consciência, das forças amansadoras e de domesticação. Demonstrar o alcance e a propriedade dessa tarefa é a ambição e a finalidade última do presente trabalho.

Para Nietzsche, o corpo não deve ser banido, ou visto de modo diminuto. Sua filosofia é de porte artístico e alegre, conferindo ao homem o que lhe é de direito, e retirando-lhe a camisa de força das funções e mostrando-lhe o corpo como a plena expressão do real. Desse modo, se os “homens do conhecimento” e a grande tradição do pensamento ocidental sempre se debruçaram sobre o que pode a consciência, as ideias, o pensamento, o espírito, e pouco se perguntaram sobre o “*que pode um corpo?*”¹, esse, que foi espectro ao longo da história do pensamento tradicional, ganha lugar e será compreendido sob outra perspectiva aos olhos de Nietzsche. A questão do corpo é mais do que uma exaltação da fisiologia dos corpos, é mais do que inverter a lógica separatista *alma versus corpo* realizada pelo pensamento ocidental, é pensar para libertar o corpo dos hábitos que condicionaram e estratificaram o homem. O “*corpo-homem*” como objeto e instrumento das funções do conhecimento, da cultura, dos órgãos e outras várias condicionantes tornou-se lugar de recolhimento e contenção. Ressaltar a questão do corpo é dedicar-se a decifrar seus enigmas e ressignificar a vida. A tarefa de ressignificação dá-se pela necessidade de transvaloração dos valores que malogram a vida. Daí a necessidade de compreender a genealogia da moralidade dos costumes e do combate à servidão do homem da má consciência.

1 Escolio da proposição 2 do livro III da *Ética*: “O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo – exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinada pela mente – pode e o que não pode fazer.” (ESPINOZA, 2015, p. 101).

Em seu livro, *A Gaia Ciência*, aforismo 116, Nietzsche diz:

Onde quer que deparemos com uma moral, encontramos uma avaliação e hierarquização dos impulsos e atos humanos. Tais avaliações e hierarquizações sempre constituem expressão das necessidades de uma comunidade, de um rebanho: aquilo que beneficia este em primeiro lugar – e em segundo e terceiro – é igualmente o critério máximo quanto ao valor de cada indivíduo. Com a moral o indivíduo é levado a ser função do rebanho e a se conferir valor apenas enquanto função. (NIETZSCHE, 2012, p. 132)

A negação da ordenação moral do mundo representa na filosofia nietzschiana uma renúncia aos valores socráticos-platônicos e seu idealismo espiritual, e também à moralidade cristã, que atua de modo prescritivo assujeitando o indivíduo a um “modus operandi” que, segundo Nietzsche, se opõe à vida, pois atua como antídoto contra a própria existência. Destruir essas “velhas tábuas” é tarefa árdua, pois não se trata de uma **reação** ignorante (rancor, vingança ou ressentimento), mas sim de um novo modo de agir. Nas palavras de Zaratustra:

E quem tem de ser um criador no bem e no mal: em verdade, tem de ser primeiramente um destruidor e despedaçar valores.
Assim, o mal supremo é parte do bem supremo: este, porém, é criador. Falemos disso, ó sábios entre todos, embora seja desagradável. Silenciar é pior; todas as verdades silenciadas tornam-se venenosas.
E que se despedace tudo o que, de encontro a nossas verdades, possa – despedaçar-se! Ainda há muitas casas para construir!(NIETZSCHE, 2011, p. 111)

Essa tarefa de destruição dos ídolos, das velhas verdades, da moral prescritiva e condicionante é a chave para a possibilidade de um **corpo** livre (*espírito livre*). Se tradicionalmente, o corpo foi relegado a um lugar diminuto, a filosofia nietzschiana abre caminho para falar-se de corpo acentuando aquilo que ficara velado ao longo da história da cultura. Em sua proposta filosófica, Nietzsche pretende assim enunciar como o corpo pode vir a ser “reinterpretado”. E isso não mais sobre a ótica das dualidades, não mais como um reflexo irrefletido de uma cultura decadente.

Como já foi acenado, o tema do corpo faz emergir questões que constituem a história do pensamento. Aqui deve-se observar que por mais que sua força tenha sido diminuída e o corpo tenha sido relegado a uma condição de segundo plano, Nietzsche incorpora o corpo ao campo do saber de modo a deixar que os afetos, as pulsões, o inconsciente sejam explorados

com certo protagonismo. E isso não indica uma simples inversão. Seu trabalho é mais complexo, pois seu empenho é por vitalidade, para que surjam linhas de fuga em que seja possível libertar o corpo de tudo aquilo que o torna prisioneiro. É, contudo, importante salientar que essas forças aprisionantes não são eventos isolados e facilmente identificáveis e de culpabilidades específicas; tais forças são constitutivas de uma maquinaria massificante que ao longo da história do processo de socialização se materializaram e sintomatizaram na cultura, nos valores, na linguagem, e fizeram nascer verdades reguladoras que ditaram os modos de vida, que inibiram os instintos e fomentaram uma interioridade doentia. O homem doente do homem é fruto da má consciência que o coloca contra si mesmo diminuindo suas potencialidades e acionando o corpo a uma reatividade que limita a ação, em que as forças implacáveis e esmagadoras “de uma alma animal voltada contra si mesma”(NIETZSCHE, 2010, p. 68) introduzem aí a mais triste das doenças.

No segundo ensaio, aforismo 16 da *Genealogia da Moral*, Nietzsche chama a atenção para a questão da má consciência:

Não é fácil apresentá-la, e ela necessita ser longamente pensada, pesada, ponderada. Vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu – a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz. (NIETZSCHE, 2010, p. 67)

Esse ponto será apurado ao longo do presente trabalho. Tais considerações são feitas pois aparecem com importância para compreendermos a “*condição doentia*” como um dado anterior à consciência, à moralidade cristã e ao ideal ascético, por exemplo. Eis então as razões para que sejam elucidados tais aspectos acerca da má consciência, principalmente porque o problema que aqui tratamos a respeito do corpo – que está em relação, e constitui-se de todos esses valores que permeiam nossa cultura – está em relações de forças com essas forças (ou seja, é um componente da realidade total, e não algo simplesmente adventício). Torna-se importante esclarecer que não há um culpado específico pela doença, mas sim um conjunto de forças atuando. Culpabilizar, encontrar origem, é sempre problemático quando tendemos a excluir as relações de forças que atuam sobre o corpo e sobre a sintomática da cultura e com esses compõem outros desdobramentos. Contudo, podemos dizer que sempre existiram aqueles que disseminaram a estrutura tacanha e a moral de escravo ao longo da história da civilização. Esse corpo lançado a mil pés de si mesmo, estilhaçado pela moralidade e seus juízos, interiorizado, mesmo em declive não está destinando a ser cárcere. “Há um

caminho para cima” (NIETZSCHE, 2006), e esse “lugar” ou essa “conquista” não está num plano idealizado e de ordem metafísica, mas no superar a si mesmo. É no campo de batalha, no plano imanente que a luta acontece. Como diz João Guimarães Rosa no livro *Grande Sertão: Veredas* “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. Assim acredita Nietzsche também, e esse é um dos seus empreendimentos maiores, ressaltar e valorizar o plano de imanência, fazendo aparecer a expressão maior da vida, o corpo como aquele que desempenha o papel de protagonista de si na cena existencial.

A filosofia nietzschiana, quando se debruça sobre os aspectos da depreciação da vida e da negação do mundo, empenha-se em lutar contra o niilismo e todos aqueles valores que o autorreforçam, que retroalimentam essa condição enferma, buscando estar a serviço de uma transformação histórica, ou seja:

Nietzsche apresenta o objetivo de sua filosofia: liberar o pensamento do niilismo e de suas formas. Ora, isto envolve uma maneira de pensar, uma convulsão no princípio do qual depende o pensamento, uma retificação, do próprio princípio genealógico, uma “transmutação”.(DELEUZE, 1976, p. 29)

Essa transmutação quer abrir caminhos a novas possibilidades de compreensão da existência. Segundo Nietzsche, é o niilismo e suas principais formas (má consciência, ressentimento, ideal ascético) que aprisionam o homem dentro da lógica do espírito de vingança que nada mais quer do que ser ressarcido a todo custo, pois o equívoco está na contradição de um corpo em disjunção, que venera um mundo ideal e por ele é consumido, e a negação do “mundo que vivemos, que somos”(NIETZSCHE, 2008)

A questão do corpo, mais uma vez, está diretamente relacionada com essas forças, que compõem o sentido histórico, que atuam em relação com o corpo, ou seja, que coexistem, enquanto encontro de forças. São essas forças reativas – já que aqui estamos tratando mais especificamente do niilismo e suas formas – que “podem” compor um corpo, que dificultam o exercício da arte da escuta e prejudicam também a receptividade para que se experimente novas afecções, novas perspectivas, e daí seja possível então um desprendimento das correntes que nos aprisionam. Essa superação de si mesmo, contudo, não é tarefa fácil, pois o advento do niilismo é parte constituinte da história e dos valores que são sustentados pela humanidade. Considerar esses aspectos é compreender que o corpo não é uma entidade fora, a parte das forças existentes, e que essa força, que é o espírito de vingança, como o “conjunto

do niilismo e suas formas”(DELEUZE, 1976, p.28) desqualifica o tempo e se revolta contra a vida e esse “corpo-*humano*” que sintomatiza e produz história sintomática. Nietzsche afirma que: “O instinto da vingança se apoderou de tal modo da humanidade no curso dos séculos que toda a metafísica, a psicologia, a história e sobretudo a moral trazem sua marca.”(NIETZSCHE, 2008). E por isso esse corpo, essa humanidade ressentida. Admitir a existência como trágica e passível de sofrimento, não é o mesmo que colocar-se de modo reativo e passivo frente ao devir. Todos esses elementos que atrofiam a vontade – que nela mesmo, enquanto impulso, é criadora – e que compõem o instinto de vingança depreciativo da vida, conduzem a humanidade à permanência e à resignação num estado de corpo escravo e decadente.

O pensamento trágico de Nietzsche traz à tona uma compreensão do plano existencial que extrapola as barreiras de um conformismo e de uma apatia diante da vida e consequentemente à dor que deveras sentimos por estarmos vivos. O trágico afirma essencialmente o múltiplo, as indeterminações, das quais aquele que está vivo não tem como escapar. Logo, admitir a instância da dor como elemento constitutivo da condição de estar vivo é pressupor sofrimento e sofredores. Mas como argumenta Nietzsche no aforisma 370 de *A gaia ciência*:

Existem dois tipos de sofredores, os que sofrem de *abundância de vida*, que querem uma arte dionisiaca e também uma visão e compreensão trágica da vida – e depois os que sofrem de *empobrecimento de vida*, que buscam silêncio, quietude, mar liso, redenção de si mediante a arte e o conhecimento, ou a embriaguez, o entorpecimento, a convulsão, a loucura. (NIETZSCHE, 2012, p. 245).

Voltar-se contra a vida, opor resistências ao devir e suas possibilidades, é também um caminho, mas não é nobre entregar-se à reatividade e sucumbir, “farias melhor em dizer: inexprimível e inominável é o que faz o tormento e a delícia de minha alma, e que é também a fome de minhas entranhas.”(NIETZSCHE, 2011, p. 36)

Para Nietzsche, o trágico demonstra “o dizer Sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no *sacrifício* de seus mais elevados tipos.”(NIETZSCHE, 2006, p. 106) O trágico não é a afirmação da visão determinista da existência; ao contrário, quando Nietzsche afirma: “Minha doutrina diz: a tarefa consiste em viver de tal maneira que devas desejar viver de novo – tu

viverás de novo de qualquer modo!”², essa afirmativa – que evidencia o conceito do eterno retorno (que não quer ser compreendido, na perspectiva de Nietzsche sobre uma interpretação mecanicista) – faz um “convite” àqueles que aqui estão, vivos, a viver plenamente o múltiplo, a pluralidade, a diferença, sem malograr e opor resistência à vida, aprendendo assim como o Zarathustra *convalescente* que num grande silêncio, conversando com sua “alma”(NIETZSCHE, 2011, p. 206), aceita o eterno retorno e aprende a sua alegria.

Essa alegria oriunda da compreensão dos *devires* da existência e seu eterno retorno é já a dimensão da experiência do trágico. A afirmação do trágico não faz o homem escapar de um jugo, não é percurso que suprime a dor, mas que permite ao ser agir pelo caminho da criação e transmutar-se. “A vida ascendente, a vida criadora, acontece quando a dor própria ou constitutiva do homem, assumida ou aquiescida, se transforma em ação.” (FOGEL, G. 2010). Essa ascensão na vida não é isenta de dores, mas proporciona a retomada das forças, faz crescer e possibilita ao homem um agir mais inocente e livre, pois nobre é seu estado, não porque é inatingível, mas porque aprendeu a deixar atravessar e depois conduzir essas forças a um lugar de saúde. Essa é a trajetória que o corpo deseja. Enquanto potência ativa, quer soltar-se das amarras, pois essa atividade possibilita expansão na transitoriedade. Se o temor dos indivíduos assim como da humanidade frente a vida sempre foi o sofrimento, a dor, a finitude e a morte, lutar contra esse enfraquecimento, contra isso que aqui está e foi erigido pelos próprios homens é colocar-se a favor de si e daquilo que vai produzir e estender, pois o medo diminui a potência e nos coloca em desacordo com a vida.

Houve, segundo Nietzsche, aqueles que vociferaram contra a vida e teceram caminhos de aprisionamento ao corpo, mas que travestidos, na intenção de torná-la vivível, criaram caminhos para a racionalidade, afirmando ser essa escolha a salvadora. Tanto o idealismo socrático-platônico, quanto o modo de valoração cristão são alvos de crítica do filósofo alemão, principalmente porque esses teriam se colocado negativamente perante a vida, tornando-se propulsores, disseminadores da *décadence*, da degeneração que torna-se uma “errância-total da humanidade em relação aos seus instintos fundamentais, uma tal *décadence*-total do juízo de valor”(NIETZSCHE, 2008, p. 43).

Nietzsche se contrapôs ao racionalismo socrático justamente porque esse se insurge na Grécia através de um processo de valorização da dialética que, segundo Nietzsche, visava estabelecer um conhecimento especializante e não mais ligado ao “pathos”, não mais ligado

²NIETZSCHE, F. [qq(163) da primavera-outono de 1881] apud Idem, p. 209.

ao “trágico” em que as forças atuavam a favor da vida, desnudando as mazelas da existência, sublimando qualquer moralidade. Nietzsche, então, denuncia Sócrates e Platão como sendo antigregos e os propulsores dessa decadência do espírito trágico (NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Ídolos*, p. 18). O trágico para Nietzsche é a evidência da dor, da embriaguez e também do sonho, da aparência e da individuação oriundas das forças de Dionísio e Apolo. Nietzsche está dizendo, então, que Sócrates, figura importante no espaço público da Grécia Clássica, apresenta uma nova concepção sobre a vida, sobre a arte e o conhecimento. Em síntese, é preciso que por via do “logos” encontre-se a verdade e que não mais sejamos seduzidos pela loucura dionisiaca. É preciso não mais se deixar levar pelos afetos.

Essa dimensão do “logos”, que era atribuída em “o Nascimento da Tragédia” a Apolo, é levada até as últimas consequências pelo pensamento socrático. Desse modo, o elemento dionisiaco da arte e da vida é deixado de lado, pois esse seria o elemento deturpador da verdade e levaria os indivíduos a uma exacerbação enganosa. Sócrates parecia dizer: “É preciso buscar a verdade pelo “logos” e apenas por ele”. É por esse motivo que Nietzsche problematiza esse abandono do espírito trágico. Essa constatação crítica de Nietzsche tornar-se-á o ponto de partida para sua crítica ao socratismo e ao desdobramento do pensamento ocidental, esse no qual estamos atualmente inseridos. Abandona-se uma força em detrimento de outra, já não há conciliação e harmonia, a história do Ocidente torna-se o reino incondicional de Apolo, em que predomina a luz, o conceito, a lógica, a razão uniforme, e a vida torna-se então aridez, deserto.

II. AOS DESPREZADORES DO CORPO, POR UMA DISSOLUÇÃO DAS DUALIDADES

No discurso “Dos desprezadores do corpo”, Nietzsche se dirige àqueles que radicalmente instauraram uma atitude de separação – oposição no tocante à realidade. Inicialmente um dos interlocutores indiretos de Zarathustra é Platão e, conseqüentemente, Sócrates, pois, de certa forma, Nietzsche os considera como frutos de um mesmo movimento, em que o corpo é negado enquanto instância real e imediata de produção de sentido e situado como obstáculo para o pensamento, para a busca da verdade. A tradição metafísica, a qual Nietzsche também se diz consanguíneo, pois também é atravessado por seus valores, é criticada pelo filósofo, pois perpetua a ideia de um outro mundo possível que não esse, mas que surge como possibilidade de “mundo verdadeiro”, o qual, para ele, “é uma ideia que para nada mais serve, não mais obriga a nada —, ideia tornada inútil, logo refutada: vamos eliminá-la!” (NIETZSCHE, 2006, p. 32). Toda a metafísica, segundo Nietzsche, é uma intercorrência do pensamento de Platão, do platonismo e, posteriormente, também é sustentada pelo que se delineou como o ideário cristão que mortificou o corpo considerando sua natureza como imperfeita e, em certa medida, pecaminosa. Além do direcionamento crítico aos preceitos socrático-platônicos, no discurso *Dos desprezadores do corpo*, Nietzsche confronta-se, de modo mais contundente, com Descartes, “o pai do racionalismo”, que pensa o homem totalmente alheio aos seus aspectos corpóreos, trazendo junto ao marco da modernidade a oposição sujeito x objeto. Contudo, está longe do propósito desse trabalho delimitar, sistemática e detalhadamente, o problema cartesiano da natureza humana. A crítica nietzschiana “ao pai do racionalismo” funda-se mais especificamente no fato de Descartes atribuir à razão um lugar de superioridade, negando toda e qualquer importância aos instintos. Com isso, ao longo deste capítulo, a partir desses pressupostos, apontaremos as considerações nietzschianas a respeito desses que desprezam o corpo, e salientaremos seguidamente o que a filosofia de Nietzsche tem a dizer sobre o corpo e as múltiplas forças que o compõem, instância compreendida por ele como “grande razão”.

Conforme anuncia Nietzsche, na origem do pensamento ocidental encontramos Sócrates e Platão resignados em serem ordenadores da vida na pólis grega. No livro *Nascimento da Tragédia*, Nietzsche diz que a tendência socrática é a de restringir os instintos, pois a ética vigente e a arte de seu tempo eram expressões confusas de uma vida que guiava-se pelos instintos, considerada então como problemática e necessitando de correção

(NIETZSCHE, 1993, p. 85). A arte que está sendo negada é a arte trágica, pois, segundo Sócrates, a tragédia levaria a uma certa exacerbação dos afetos, teria pouca utilidade “e por isso exigia de seus discípulos a abstinência e o rigoroso afastamento de tais atrações” (NIETZSCHE, 1993, p.87). Essas também seriam as contraposições de Platão a essa manifestação artística. Daí Nietzsche os considerar *antigregos*, *pseudogregos*, pois pretendiam a dissolução do intenso modo de vida grego, representado pelo espírito trágico, que trazia o corpo na linha de frente, não como regra, norma, lei, mas como a expressão do real, pois o instinto seria justamente a força afirmativa-criativa.

Partindo desses pressupostos, o discurso *Dos desprezadores do corpo* critica diretamente o pensamento tradicional e metafísico que concebe o homem de maneira dualista, em que a alma ou espírito seriam superiores aos instintos e que a verdade só seria acessada se o corpo fosse contido, mantido sob o poder e vigilância daquilo que é superior. Nietzsche deseja, então, a dissolução das dualidades e da lógica metafísica; quer falar àqueles que concebem o corpo como empecilho perecível que o essencial é aquilo que eles não querem ver. No discurso “*Dos desprezadores do corpo*”, Zaratustra chega a afirmar:

Eu sou todo corpo e nada além disso; a alma é somente uma palavra para alguma coisa do corpo; o corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento do teu corpo é, também, a tua pequena razão, meu irmão, à qual chamas ‘espírito’, pequeno instrumento e brinquedo da tua grande razão. (NIETZSCHE, 2011 p. 35).

Nietzsche, através das palavras de seu personagem Zaratustra, diz que a alma é pequena razão e que esta designa tão somente alguma coisa do corpo. Nesse apontamento, percebemos que a alma, na filosofia nietzschiana, não é hipervalorizada como queriam os metafísicos. A alma, o eu, ou a consciência não atuam como fundamento e princípio e por isso são considerados “pequena razão”. Ser “corpo e alma” é imperativo, porque podemos entender a partir disso que se é tanto corpo quanto alma; logo, aqui não há substancialização da alma, nem do eu, nem da consciência como absolutos eternos e nem como designativos de superioridade. Mas se Nietzsche entende o corpo como grande razão, é porque este é instância originária que atua como princípio de nossas ações, não é nada substancial e nem tem fixidez, posto que corpo quer sempre fazer-se corpo. Desse modo, corpo não significa nada de mecânico, material e previamente constituído. Sabendo então que corpo não pode ser compreendido como um dado puramente material, haja vista Nietzsche fazer uso desse

conceito de modo distinto da tradição metafísica, a compreensão de fisiologia para o filósofo alemão também se distingue, porque é compreendida como uma relação dinâmica de impulsos. Logo, o corpo está sempre se reconfigurando, não é algo puramente dado, pois é força, é vontade de potência em relação com outras forças. Daí Nietzsche sustentar em sua filosofia a singularidade da existência de cada “organismo” ou “corpo – homem”.

Posto isso, Nietzsche aponta para Sócrates e Platão, porque esses apareceram como propulsores de um grande erro, negando os instintos e conferindo supremacia à alma (que seria a condutora para a verdade), e, conseqüentemente, fazendo contraposição entre razão e instintos, instaurando uma racionalidade operante que maneje e controle o corpo. Vemos isso nos escritos platônicos, em que um dos pensamentos dominantes se refere às oposições ‘mundo suprassensível’ x ‘mundo sensível’, corpo x alma. Um dos textos em que essa contraposição aparece com mais vigor é o *Fédon*. Nele, a alma, ou seja, o designativo do incorruptível se apresenta como um fio condutor ao conhecimento verdadeiro, sendo esta colocada em oposição radical ao corpo, impossibilitando pensá-los como uma unidade, principalmente porque vinculado a essa configuração entende-se a natureza corporal como uma tentação que incorre no erro, na falsidade, não viabilizando a busca da sabedoria. Essa supervalorização da alma desvinculando o corpo na participação como unidade para o encontro do absoluto fica claro na passagem em que Sócrates, no momento de sua condenação, explícita estar feliz por livrar-se de uma doença, ou seja, da vida, do corpo. Pois estar vivo, enquanto corpo, é ser prisioneiro e morrer seria a libertação da alma daquele que a acorrenta, haja vista o corpo ser compreendido como cárcere, como um obstáculo ao que de mais elevado pode existir. Daí Platão dizer que:

Nesta vida não aproximaremos da verdade a não ser afastando-nos do corpo[...] e conservando-nos puros de todas as suas imundícies até que o deus venha nos libertar. [...] livres da loucura do corpo, conversaremos [...] com homens que usufruirão a mesma liberdade e conhecermos por nós mesmos a essência das coisas. (PLATÃO, 2011)

Se o corpo é túmulo, é prisão, e o sensível se apresenta como realidade imperfeita, Platão, aos olhos de Nietzsche, já concebe uma separação-oposição, uma conjunção que não se harmoniza, uma convivência que não se faz amigável. A teoria dos dois mundos evidencia-se nessas instâncias: mundo suprassensível x mundo sensível, mundo real x mundo das ideias, verdadeiro x aparente, corpo x alma, sentido x espírito. Essa articulação “bipolarizante” paralisa o homem, pois este já não é mais capaz de ver-se livre desse dilema e acaba transformando seu viver em pesar, em sofreguidão, ou seja, o homem(humanidade) é

amputado e padece por acreditar nascer ‘com defeito de fabricação’ e para conquistar perfeição, verdade, adequação é necessário seguir à risca as ordens de relegar os sentidos a um plano de inferioridade. No *Fédon*, Sócrates fala:

Enquanto tivermos corpo e nossa alma tiver absorvida nessa corrupção, jamais possuiremos o objeto de nossos desejos, isto é, a verdade. Por que o corpo nos oferece mil obstáculos pela necessidade que temos de sustentá-lo, e as enfermidades perturbam nossas investigações. Em primeiro lugar nos enche de amores, de desejos, de receios, de mil ilusões e de toda classe de tolices, de modo que nada é mais certo do que aquilo que se diz correntemente: que o corpo nunca nos conduz a algum pensamento sensato. (PLATÃO, 2011)

Para que haja o encontro com o plano do absoluto e o acesso à verdade, faz-se necessário o afastamento do que é corpóreo e passível de sensações. Esse manter-se afastado das coisas do corpo, e assim dos sentidos, é um objetivo a ser alcançado, pois o pensamento, para atingir a verdade, precisa afastar-se dos enganos dos sentidos. Tal *a priori* se sustenta pois a lógica socrático-platônica entende que a operação racional é feita pelo pensamento e precisa ser preservada dos equívocos do corpo e seus sentidos. Nietzsche, contudo, acredita que “pensar é sentir, é ser tomado por um modo próprio de ser, por uma afecção. Este abrir-se do real enquanto afeto, que é a atividade propriamente pensante, é corpo, grande razão.”(CORDEIRO, 2012, p.47).

Ressonâncias desse dualismo psicofísico platônico, por exemplo, são detectadas posteriormente no ideal cristão, e, por conseguinte, no destino do homem ocidental de acordo com a compreensão nietzschiana. Como um recalque, que se situa marcado historicamente, é possível encontrar o sintoma da bipolaridade na literatura brasileira, em que poetas não apenas escreveram sobre a dualidade, mas viveram encarcerados sob a lógica judaico-cristã. Um exemplo é o poeta simbolista Cruz e Souza que em seu poema “*O Cárcere das almas*” explicita esse sofrimento:

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades

Sonha e, sonhando, as imortalidades
 Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas
 Nas prisões colossais e abandonadas,
 Da Dor no calabouço,
 Nesses silêncios solitários, graves,
 que chaveiro do Céu possui as chaves
 para abrir-vos as portas do Mistério?!

Em todo poema, Cruz e Souza acaba por destacar exatamente a limitação, o aprisionamento da alma humana, que se encontra condenada a habitar um corpo, estando encarcerada pela vida na terra, não podendo alcançar a plenitude. A vida se torna um vale de lágrimas à espera do além-mundo, que se propõe como meta de redenção, de transcendência.

No horizonte de Nietzsche, ainda nos *Desprezadores do corpo*, pressupomos que a filosofia cartesiana é alvo de problematização e crítica, pois esta mantém o dualismo psicofísico em suas noções, entretanto, essa oposição é outra. Nesse sentido, ele está sustentando que o homem é constituído por uma substância subjetiva, ou seja, pensamento (*res cogitans*), que se dá como sujeito substancial. Contudo, ele cria um abismo entre essa substância e o corpo (*res extensa*), que ele concebe como sendo accidental pertencente ao mundo objetivo. A partir dessa constituição, o processo de autoconsciência desse sujeito substancial é algo puramente intelectual em que o corpo e os sentidos não têm participação alguma. Nessa constituição, o eu é precedente, é causa para pensamento, é origem e condição para a apreensão do objeto que transforma-se em representação do sujeito. Essa unidade responsável pelo pensar é atribuída ao eu e indubitavelmente confirmada, pois, para Descartes, a confirmação do existir acontece quando penso, e só posso existir caso eu pense e consequentemente tenho a percepção de minha própria existência.

Sob influência da física mecânica, Descartes percebe o corpo como uma máquina, que age automaticamente, mas nunca autonomamente, porque, para Descartes, o corpo pertence ao mundo dos objetos e para que o homem aconteça enquanto sujeito essa propriedade corpórea é algo alheio à sua sustentação. Logo, para que a “substância pensante” se sustente ele afirma:

[...] concludo que minha essência consiste apenas em que sou uma coisa que pensa ou uma substância da qual toda essência ou natureza consiste apenas

em pensar. E, apesar de, embora talvez (ou, antes, com certeza, como direi logo mais) eu possuir um corpo ao qual estou muito estreitamente ligado, pois, de um lado, tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e sem extensão, e que, de outro, tenho uma ideia distinta do corpo, na medida em que é somente algo com extensão e que não pensa, é certo que este eu, ou seja, minha alma, pela qual eu sou o que sou, é completa e indiscutivelmente distinta de meu corpo e que ela pode existir sem ele. (DESCARTES, 1999, p. 320)

Todos esses arranjos para estabelecer, promover e assegurar que homem é pensamento, desligando-o de sua corporeidade, pois o corpo e seus órgãos não seriam capazes de assegurar coisa alguma sobre a verdade e a possibilidade do conhecimento. Mantém-se, assim, na lógica do pensamento moderno, sob outras roupagens, a tradição que sustenta dualidades, estratificações, ordenações, classificações. No livro *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, Deleuze e Guatarri advertem contra arrumações dessa estirpe, dizendo:

“CsO³ grita: fizeram-me um organismo! Dobraram-me indevidamente! Roubaram meu corpo! O juízo de Deus arranca-o de sua imanência, e lhe constrói um organismo, uma significação, um sujeito. É ele o estratificado. Assim, ele oscila entre dois polos: de um lado, as superfícies de estratificação sobre as quais ele é rebaixado e submetido ao juízo, e por outro lado, o plano de consistência no qual ele se desenrola e se abre à experimentação.”

O ímpeto de regulação do *corpo-homem* e seus afetos aparece como juízo que pretende organizar e fazer do corpo função, subordinação a tudo aquilo que é “divinizado” e considerado tradicionalmente como parâmetro para uma certa ordenação do mundo. Essa organização é retenção e não compreensão para expansão, se faz necessário controlar, julgar, arbitrar, sentenciar e tornar o corpo dócil, secundarizado, condicionado, ou seja, limitando experiência.

É em desacordo com essa lógica que Nietzsche critica aqueles que desprezam o corpo. Para Nietzsche, corpo é multiplicidade, é um vir a ser no mundo que se dá através da possibilidade de encontro com as possibilidades. Ser homem enquanto “grande razão” é estar aberto para o mundo, não enquanto entidade, coisa, alma, espírito, consciência ou atribuições já finalizadas. Ser múltiplo enquanto uno não é a negação de um dado físico – biológico e já constituído, uma vez que esse já existente “eu” enquanto matéria, pessoa, consciência é tardio, epígono, porque se instaura a partir do corpo. Logo, essa multiplicidade é o abrir-se de uma

³ CsO (corpo sem órgãos) é um “conceito” retirado do escrito *Para acabar com o julgamento de Deus* de Antonin Artaud.

possibilidade de vida, é o movimento de desabrochar contínuo. Ter corpo como “grande razão” é não mais submetê-lo a uma realidade metafísica ou a um “eu” consciente.

Nietzsche vai dizer que esse “eu” é apenas um instrumento da grande razão, e que a atribuição cartesiana que distancia sujeito de objeto, transformando o homem em consciência, em eu “profundo” e sem fundo, vai distanciando esse ser da conjuntura do viver, do existir, configurando um domínio desse sujeito sobre o objeto, sobre a natureza, trazendo à tona uma autonomia do homem com relação àquilo que ele entende estar fora dele. Essa experiência da modernidade de designar o “eu” como coisa pensante não coaduna com o pensamento de Nietzsche, que, no discurso “Dos desprezadores do corpo”, afirma: “A coisa maior, porém, em que não queres crer – é teu corpo e sua grande razão: essa não diz Eu, mas faz Eu.” Se esse corpo “não diz Eu, mas faz Eu” é, principalmente, porque essa grande razão se apresenta como a mantenedora da ação, da atuação na vida, em que o homem em sua atividade de existência está disponível, aberto, disposto, apto e, conseqüentemente, se anunciando, se despontando para o real enquanto corpo. Logo, a referência feita é exatamente a esse corpo que cria esse “eu”, pois se o corpo é possibilidade de abrir-se para o mundo e no mundo, Nietzsche recusa a aceção de “eu” como causa do pensar, negando-se a dar a ele um caráter substancial. Afirma que o “eu” é consequência da atividade de expor-se ao vir a ser no mundo, coisa que o cartesianismo não conseguiu perceber, haja vista o corpo em Nietzsche ser a força instauradora, o fundamento para que esse “eu” se dê. Daí o “eu” ser tardio, pois se consolida na experiência do corpo com o devir.

Com o corpo se dando como fio condutor para a compreensão, corpo é potência, é realidade imediata, é vida e possibilidade de encontro, de criação. Daí Nietzsche dizer: “O si-mesmo (corpo) sempre escuta e procura: compara, submete, conquista, destrói”. (NIETZSCHE, 2011, p. 35)

Se esse corpo está à escuta ele encontra-se disponível para a multiplicidade sendo assim em consonância com o movimento das possibilidades. Desse modo, corpo não é isso ou aquilo. Ser grande razão é “criar para além de si”.

III. O “ALÉM” NIETZSCHIANO – A ARTE DE SER EM TRAVESSIA, POR UMA TRANSFIGURAÇÃO DO HOMEM

“E se vós quereis livrar-vos a sério ‘do além’: temo que não haja outro meio senão vos decidir pelo *meu* ‘além’.” Essa é a frase que Nietzsche pronuncia em seus fragmentos póstumos, e que utilizamos como caminho inicial para posteriormente compreendermos uma das grandes intenções do filósofo: a transfiguração do homem e a revalorização de todos os valores.

A filosofia nietzschiana pretende o ultrapassamento das cisões acumuladas ao longo da história do pensamento tradicional e metafísico, e por isso manifesta a “seriedade” que há de se ter para que então o homem(humanidade) possa vir a superar individual e historicamente tanto o pensamento metafísico como o niilismo enquanto doença que assola e consome o destino do Ocidente. Atravessar esse “deserto”, de valores incongruentes e decadentes, que não deixam de ser realidade, pois são sintomas da cultura, e também por isso, como consequência somos atravessados e também consanguíneos, como diria Nietzsche, é ir além, pois quer transformar-se. A questão nietzschiana é o “ir além” no sentido de superar-se, crescer e lutar para que essa configuração que é operante e que, de certa forma, é difícil subtrair-se a sua constituição, não torne-se fardo e caminho absoluto, de temor e resguardo. A seriedade está em enfrentar os jugos, em não mais temer a transitoriedade, as paixões, o corpo e o devir ininterrupto do real. No discurso *Do caminho do Criador*, Zaratustra diz ao solitário: “Vai para tua solidão com minhas lágrimas, irmão. Amo aquele que quer criar além de si e assim perece.”(NIETZSCHE, 2011, p. 63). Esse perecimento é parte constitutiva da vida na terra, não é possível passar ileso, sem dúvidas e angustias. Contudo, há aqueles que sofrem de *abundância de vida* e perecer torna-se experiência, processo; é agrura, mas nunca renúncia, pois descobre-se ser a vida travessia, campo de batalha, e que recolher as forças na recusa de esforçar-se é apenas conservação. “A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”(MAURICE MERLEAU-PONTY), *quer* uma interpretação pluralista, olhos atentos, engajados e implicados e não vistas cansadas e obtusas.

Nietzsche é conhecido por seu potencial crítico e demolidor da tradição metafísica e idealista, por exemplo, mas antes de tudo é

aquele que sempre afirma, aquele que diz sim à vida. Uma existência de errança, sofrimento e solidão. Um pensamento que emerge de prazer e da dor. Ousado, insolente, rebelde. Não receia a contenda, desencadeia o combate. Desafia as normas de sua época, declara guerra aos valores do

tempo. (MARTON, 1999).

É também o filósofo da sabedoria trágica que combateu os ascetismos e com vigor enfrentou os ideários niilistas. Como dimensão de possibilidade para a abertura de novos devires, ele apresenta a **arte** como “a força superior oposta a toda vontade de negar a vida, é a força antiniilista por excelência” (KSA 13, p.521, af. 17, 3 de maio-junho de 1888). A saber, é importante salientar que recorrer à arte como fuga aos sofrimentos, como fuga à realidade, como tentativa de buscar o belo em si, e com vistas a finalidades, são alternativas ascéticas como paradigma da vida em que prevalece a negação da vida, sustentada por valores ainda decadentes que não comungam com o sentido a que Nietzsche se refere quando exalta a *arte-criação*. Sua perspectiva trágico-dionisiaca da existência tem a arte como tonificante da vida a favor de produção para transformações de ganho de potência, visando a criação de novos valores. Nietzsche propõe a intensificação da vida em condições extremas, quer ver nascer o grito dos corpos, o movimento dançante, o jogo dinâmico das possibilidades. O que tudo isso quer dizer? Quer dizer que Nietzsche, ao contrário da tradição (metafísica, dogmática, supersticiosa), celebra e instiga a criação, pois esse criar é uma atividade de efetuação do poder ativo existente no homem, que busca conhecimento de si e para além de si. Afirma assim que o “querer liberta: eis a verdadeira doutrina da vontade e da liberdade – assim Zarathustra a ensina a vós”(ZARATUSTRA, 2011, p. 83).

Nessa travessia árdua, de destruição de valores decadentes e criação de novos valores dá-se a possibilita de novas experiências, em que a criação é o lugar do conhecimento. Rodrigo Rabello no livro *A arte na filosofia madura de Nietzsche* destaca:

Valorar e criar independem , a princípio, de uma ação, ou seja, de uma descarga externa de forças; as vivências mais ricas, mais “espirituais”, que no ver de Nietzsche tornam o homem um animal interessante, são aquelas que se dão na *vita contemplativa*, são as criações que se passam no mundo interior, na “alma”, ou, em sua terminologia madura própria, no instável devir interno de uma vontade de poder voltada para ela mesma. (RABELLO, 2013, p. 383).

Essa afirmativa não quer dizer que o filósofo alemão falasse de uma interiorização de tudo aquilo que experimentamos enquanto viventes, pois viveríamos em confins de nós mesmos, no pleno ressentimento (inibe a ação, torna impotente), e a criação não estaria a favor da vida; sua filosofia deseja que cada um siga o seu próprio caminho e para isso cada um tem de buscar a si mesmo, em solidões. Não há um caminho absoluto, nem mandamentos divinos a serem norma, diretriz, lei, todas essas formulações são criações dos

homens(humanidade), e que podem ser questionadas e revaloradas. É preciso dar adeus às velhas verdades e aos ídolos eternos e suas máximas, Nietzsche dizia desconfiar e evitar todos os sistematizadores, pois a vontade de sistema é uma falta de retidão (NIETZSCHE, 2006, p. 13). Não basta sermos apenas expectadores passivos-receptivos; para criarmos outro corpo é necessário esforço, desejar conhecer, descobrir, duvidar, desprendendo-se as custas da hipocrisia moral - porque todo esforço em ser outro(s) faz conflitos, é preciso percorrer esse caminho em si mesmo, enfrentar nossos sete demônios como diria o filósofo alemão - e da tal condição decadente e sintomática da cultura do rebanho, que precisa tolir, moldar, dar formas, reger...

Outro que manifestamente se coloca na contramão do fluxo estratificador da cultura e dos valores sacramentados é Antonin Artaud, que no seu escrito *Para acabar com o julgamento de Deus* denuncia a moralidade, as instituições divinizadas e coloca-se na contramão da normalidade periclitante da tradição colocando-se a *favor* da vida, *grita*:

O homem é enfermo porque é mal construído. Temos que nos decidir a desnudá-lo para raspar esse animalúnculo que o corrói mortalmente, deus e juntamente com deus os seus órgãos
Se quiserem, podem meter-me numa camisa de força mas não existe coisa mais inútil que um órgão.
Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos, então o terão libertado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade.
Então poderão ensiná-lo a dançar às avessas como no delírio dos bailes populares e esse avesso será seu verdadeiro lugar.

Esse desnudar-se quer antes de tudo dar vazão à força que a criatura viva é, enquanto multiplicidade. Se a constituição da cultura criou e ainda cria impedimentos para a ascensão do vivente é porque sua consequência fortaleceu grandes “divindades” diretivas: dualismo psicofísico, lógica binária, as categorias de finalidade, unidade, e ser, a moralidade cristã, a ideia de livre arbítrio, as categorias da razão, que de modo algum favoreceram a criação de um tipo superior de vida, segundo Nietzsche. Esse escrito supracitado de Antonin Artaud manifesta-se contra tudo aquilo que o quer regulado, definido, delimitado, domesticado, submisso e dócil. Acabar com o julgamento de Deus e aquilo que lhe é coextensivo, ou seja, toda força impositora de parâmetros reguladores, numa relação de poder para a dominação do outro.

Assim como Artaud, Nietzsche quer ver o homem(humanidade) sendo artista da própria vida, lutando contra as forças reativas e universalizantes (não de modo reativo), não retroalimentando-o, mas sim transmutando valores, convertendo a negação em afirmação (DELEUZE, 1976). Esse é *talvez* o “além” nietzschiano, o aprendizado em travessia. Malograr a existência pela tragicidade da mesma é voltar-se contra si mesmo. A criação exige esforço para romper com as amarras do pensamento tradicional. Alberto Caeiro, heterônimo do poeta Fernando Pessoa, escreve, dançando com a caneta:

Procuro despir-me do que aprendi,
 Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
 E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos (...)
 E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como um homem,
 Mas como quem sente a Natureza, e mais nada. (PESSOA, 2004, p. 84)

E assim tranfigurar-se. Nietzsche em suas articulações salienta que o artista-criador não é apenas o pintor, o poeta, o músico, mas sim todo aquele que quer criar para além de si, confrontando-se àquilo que foi herdado, a história que hipertrofia, pois não sabe esquecer o conhecimento que não vivifica, isso não quer dizer negar o passado, mas sim não deixar-se soterrar-se por ele. Trata-se de através de uma nova disciplina combater o que foi trazido de muito longe, implantando um novo hábito, um novo instinto (NIETZSCHE, 2003, p. 31) que faça nascer novos valores. É preciso aprender a rir, a jogar e a dançar para então, com inocência⁴, compreender a terra, não como um homem teórico convicto de já saber pelo tanto de história que já se possui, mas como um experimentador que faz do devir uma afirmação.

4 “A inocência é o jogo da existência, da força e da vontade. A existência afirmada e apreciada, a força não separada, a vontade não desdobrada, esta é a primeira aproximação da inocência.” (NIETZSCHE, 2008)

CONCLUSÃO

Considerando o fio argumentativo em relação a questão do corpo e a *re-interpretação* dada pela filosofia nietzschiana, fica manifesto e evidente que sua denúncia contra aqueles que desprezam o corpo é por desejar que o corpo-*homem*(humanidade) não seja mais produto de valores decadentes, que seja então ressignificado pelo próprio homem, pois esses valores são criações deste último, não existindo por si mesmos. Essa ressignificação quer que depuremos nossas opiniões e valorações a fim de criarmos novas tábuas de valores (NIETZSCHE, 2012, p.197), que em vez de despedaçar, estratificar e relegar aquele que é instância real e imediata de produção de sentido, ou seja, o corpo a um território diminuto e secundário, afirme uma nova postura diante da vida, reconhecendo o homem como criador de valores e perspectivas e apto à transmutação, para então criar um novo corpo, que não estará isento de dores, mas seu esforço, seu empenho, seu engajamento será por crescimento de potência.

Tendo em vista essas considerações a reinterpretação do corpo surge como horizonte de possibilidade para uma vida criadora, que não se agarra a convicções sem questionar-se, e que deseja, assim como Zaratustra, criar para além de si.

BIBLIOGRAFIA

CORDEIRO, R. *O corpo como grande razão – Análise do fenômeno do corpo no pensamento de Friedrich Nietzsche*. São Paulo: Ed. ANNABLUME, 2012.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. RIO, 1976.

DESCARTES. *Meditações*. In. Col. Os Pensadores, São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.

ESPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2015.

FOGEL, G. *Conhecer é criar – Um ensaio a partir de F. Nietzsche*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003

_____. *O homem doente do homem e a transfiguração da dor*. Rio de Janeiro: Ed. MAUAD, 2010.

GIANNATTASIO, G. *O corpo em Sade e Nietzsche*. Londrina: Ed. Eduel, 2012.

HEIDEGGER, M. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

LINS, D. (Org.) *Nietzsche Deleuze arte resistência*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2007.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011

_____. *A gaia ciência*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2012

_____. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2008

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2006

_____. *Genealogia da moral*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2010

_____. *O Anticristo*. Porto Alegre: Ed. L&PM Pocket, 2008.

_____. *O Nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1993.

_____. *Segunda Consideração Intempestiva – Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2003.

MARTON, S. *Nietzsche*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.

PESSOA, F. *Poesia Fernando Pessoa – Alberto Caeiro*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2004.

PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Ed. Edipro, 2011.

RABELO, R. *A arte na filosofia madura de Nietzsche*. Londrina: Ed. Eduel, 2013.

ROSA, J.G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

VATTIMO, G. *Diálogo com Nietzsche*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010